Brazilian Journal of Music Therapy
BRjmt Revista Brasileira de Musicoterapia

BRJMT, N 38,p 05 - 18
© 2024União Brasileira das Associações de Musicoterapia
DOI 10.51914/brjmt.38.2024.435
ISSN 2764-5541
https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt

# A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

*The Importance of Music Therapy for People with Autism Spectrum Disorder – ASD*

*La Importancia de la Musicoterapia para Personas con Trastorno Del Espectro Autista – TEA*



*Lídia Oliveira Fialho Cardoso*[1]
ORCID 0009-0009-9198-8133

*Éber Marques Júnior*[2]
ORCID 0009-0002-4816-5835

**Resumo -** O presente artigo aborda interfaces entre a musicoterapia, o paciente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os benefícios terapêuticos através da música. Considera as intervenções musicoterapêuticas para pacientes com TEA, o suporte, rede de apoio e tratamento para uma melhor qualidade de vida tanto para os pacientes nessa condição quanto para os familiares e cuidadores desses pacientes. A integração destes conhecimentos na prática clínica musicoterapêutica pode fornecer novas explicações sobre o modo pelo qual o uso terapêutico da música promove melhoras da saúde, bem como subsidiar o desenvolvimento de novas abordagens clínicas de tratamento, avaliação diagnóstica e avaliação do processo terapêutico. Este artigo apresenta uma fundamentação bibliográfica para uma prática clínica musicoterapêutica com foco na funcionalidade da comunicação verbal e não verbal, da interação social, da melhora do humor e no auxílio do desenvolvimento de habilidades de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista.
**Palavras-chave**: musicoterapia, benefícios terapêuticos, TEA, autismo.

**Abstract -** This article addresses the interfaces between music therapy, patients with ASD (Autism Spectrum Disorder), the patient's Sound Identity, and the therapeutic benefits through music. It considers music therapy interventions for ASD patients, support, support networks, and treatment for improved quality of life for both patients in this condition and their families and caregivers. Integrating this knowledge into clinical music therapy practice can provide new explanations for how the therapeutic use of music promotes health improvements, as well as support the development of new clinical treatment approaches, diagnostic assessment, and assessment of the therapeutic process. This article provides a bibliographic foundation for clinical music therapy practice focusing on the functionality of verbal and non-verbal communication, social interaction, mood improvement, and assistance in the development of skills for children and adolescents with Autism Spectrum Disorder.
**Keywords:** music therapy, therapeutic benefits, ASD, autism.

**Resumen -** Este artículo aborda las interfaces entre la musicoterapia, los pacientes con TEA (Trastorno del Espectro Autista), la Identidad Sonora del paciente y los beneficios terapéuticos a

1 Graduada e Mestra em Música pela UFG, Musicoterapeuta pela CENSUPEG. https://lattes.cnpq.br/2947826397608485 e-mail: lfialhoc5@gmail.com

2 Docente do Curso de pós-graduação em Musicoterapia (CENSUPEG). Mestrando em Ciências da Educação pela UNADES (Paraguai). Graduado em musicoterapia (UFG). http://lattes.cnpq.br/6767329366156337 e -mail: marquesjunior.e@hotmail.com

*Recebido em 18 de junho de 2024, aceito em 10 de abril de 2025*

través de la música. Considera las intervenciones de musicoterapia para pacientes con TEA, el apoyo, las redes de apoyo y el tratamiento para mejorar la calidad de vida tanto de los pacientes en esta condición como de sus familiares y cuidadores. La integración de este conocimiento en la práctica clínica de la musicoterapia puede proporcionar nuevas explicaciones sobre cómo el uso terapéutico de la música promueve mejoras en la salud, así como respaldar el desarrollo de nuevos enfoques clínicos de tratamiento, evaluación diagnóstica y evaluación del proceso terapéutico. Este artículo proporciona una base bibliográfica para la práctica clínica de la musicoterapia con un enfoque en la funcionalidad de la comunicación verbal y no verbal, la interacción social, la mejora del estado de ánimo y la ayuda en el desarrollo de habilidades para niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista.
**Palabra clave**: musicoterapia, beneficios terapéuticos, TEA, autismo.

## Introdução

De acordo com o DSM-V, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits na comunicação, interação social, e comportamentos repetitivos e restritos. “O autismo caracteriza-se por apresentar uma série de comportamentos, em quantidade, variedade e intensidade, suficientes para tornar o indivíduo prejudicado nas áreas de relacionamento social, profissional, acadêmico e emocional” (Goyos, 2018, p.14).



Nos últimos anos o número de casos com diagnósticos de autismo vem aumentando gradativamente. De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC, 2023), a estimativa epidemiológica é de aproximadamente 01 criança a cada 36 crianças com autismo no país, o que significa 2,8% daquela população. O dado foi divulgado em março de 2023. No Brasil não temos números de prevalência de autismo. Se fizermos a mesma proporção desse estudo do CDC com a população brasileira, poderíamos ter cerca de 5,95% milhões de autistas no Brasil.

Perante todos esses dados, é importante reconhecer a diversidade de experiências dentro do espectro e a necessidade de abordagens personalizadas para apoiar o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas com TEA e suas famílias, visto que o estigma social ainda é uma realidade para muitas pessoas com TEA, afetando assim a aceitação e integração na sociedade. Familiares muitas vezes enfrentam uma carga emocional significativa ao lidar com os desafios diários associados ao cuidado de um indivíduo com TEA, incluindo preocupações como futuro ea autonomia do indivíduo. Frente a este cenário, percebe-se a necessidade de compreensão, aceitação por parte da sociedade, capacitação e inclusão por parte dos profissionais da área terapêutica, promovendo oportunidades equitativas.

São diversas as estratégias para o tratamento de indivíduos com o transtorno do espectro autista, independentemente do grau apresentado, tais como: medicamentos, terapias como fonoaudiologia, psicoterapia, terapiaocupacional, equoterapia e a musicoterapiasobrea qual abordaremos neste artigo, apresentando seu significativo papel como ferramenta indispensável para revelar as potencialidades das pessoas com TEA, indicando um novo caminho a ser descoberto e trilhado por todos os envolvidos. A musicoterapia, portanto, passa a ser percebida como uma terapia eficiente e inclusiva,

pois sua linguagem universal e não verbal é capaz de promover uma comunicação significativa para pessoas com TEA, sendo assim, um meio facilitador da comunicação em todos os contextos internacionais.

Para Sampaio et al., (2015), existem muitos relatos na literatura que descrevem uma intensa relação entre pessoas com TEA e a música, sendo considerado o aspécto não verbal da música o principal meio de engajamento entre a pessoa com TEA e seu interlocutor. Segundo Benenzon (1988), "A Musicoterapia é uma técnica que explora a relação entre emoções e música, dentro de um processo terapêutico", o que facilita e serve de suporte para a pessoa com TEA se expressar de forma não verbal, visto que o transtorno do espectro autista contém características de distúrbios na linguagem verbal.



Berger (2002) sugere que a presença de uma pulsação regular e previsível é o componente musical principal para explicar o prazer que a pessoa com TEA sente com a música, criando-se assim um incentivo e um estímulo musical não agressivo e não aversivo. No entanto, simultaneamente e relacionados ao pulso musical, vários outros elementos musicais são apresentados na música favorecendo a flexibilidade e a variação (Huron, 2006; Sampaio, 2002). Deste modo, segundo Sampaio et al., (2015), o pulso e outros elementos musicais regulares e previsíveis favoreceriam uma experiência não ameaçadora ou aversiva à pessoa com TEA, enquanto outros elementos musicais, como o contorno melódico e variações de timbre e de articulação, possibilitariam ir além dos comportamentos previsíveis e, até mesmo, inflexíveis e estereotipados. Vários outros autores da literatura musicoterapêutica corroboram esta teoria tanto no TEA como em outras populações clínicas (Alvin, 1978; Nordoff & Robbins, 2007; Sampaio, 2002). Além disso, para Elefant (2001) o atendimento de musicoterapia para pessoas com TEA pode ser considerado como uma das áreas de prática clínica terapêutica mais bem organizada e presente no Brasil e em vários países. A eficácia da intervenção musicoterapêutica já foi bem estabelecida, principalmente em relação à melhora na comunicação e na interação social.

Freire (2014) avaliou que o efeito do atendimento musicoterapêutico baseado na interação musical entre pacientes crianças com TEA e terapeuta durante a utilização do método improvisativo por um período médio de 4 meses de sessões individuais semanais. Utilizando o parâmetro *d* de Cohen, já era possível verificar efeitos significativos de tamanho médio e grande em relação ao desenvolvimento da comunicação e da interação social do paciente. Os resultados deste estudo também

sugerem, embora de forma inconclusiva, que melhoras no quadro clínico de pacientes, crianças com TEA atendidas por musicoterapeutas qualificados podem ter melhoras na qualidade de vida dos pais destas crianças. No trabalho de Freire (2014) foi dada prioridade na valorização do paciente ao escolher temas de música para serem trabalhados, reconhecendo e validando sempre a presença do paciente e sua participação através da música, elaborando assim, frases musicais a partir de motivos musicais melódicos ou rítmicos espontaneamente realizados pelo paciente.



Desta forma esta pesquisa visa explorar a eficácia e os benefícios da musicoterapia como uma intervenção complementar no tratamento de pessoas com TEA, examinando assim o impacto desta terapia na qualidade de vida tanto dos pacientes quanto na de seus familiares ou cuidadores. Ao longo deste trabalho, serão analisados estudos que investigam os efeitos da musicoterapia em diversos aspectos do TEA, como a melhoria das habilidades de comunicação, a promoção da interação social e a redução de comportamentos repetitivos. Além disso, serão abordadas as bases teóricas da musicoterapia aplicada ao TEA, destacando como a música pode ser uma linguagem acessível e enriquecedora para os pacientes com este transtorno. Serão considerados os princípios terapêuticos, técnicas e abordagens específicas utilizadas pelos musicoterapeutas no contexto do TEA, proporcionando uma compreensão mais aprofundada do papel dessa intervenção no tratamento dessa condição.

Por meio desta pesquisa, busca-se contribuir para o corpo de conhecimento existente sobre a musicoterapia aplicada ao TEA, beneficiando assim, a vida das pessoas com TEA e de suas famílias ou cuidadores.

## Método

Este trata-se de um trabalho de revisão de literatura, com carater exploratório, visando analisar e aprofundar o estado atual dos estudos publicados, utilizando, em diferentes contextos, análises de intervenções musicoterapêuticas em prol dos benefícios e qualidade de vida dos pacientes com TEA e seus familiares.

A busca bibliográfica realizada foi feita através de coleta de dados, leitura dos dados, análise documental, organização das informações e escrita do artigo científico. Para esta análise bibliográfica foi dedicado um período de 6 meses para leitura dos

dados seguido de fichamento dos arquivos. Para a escrita do artigo foi dedicado um período de1 mês. Este em específico se trata de um Artigo de Revisão, pois resume, analisa e discute informações já publicadas.

Com o intuito de conhecer a produção na área e verificar quais os benefícios da musicoterapia no tratamento, suporte e apoio às crianças com TEA foram utilizados descritores e palavras chave de forma combinada, como "musicoterapia" e "tea", "musicoterapia" e "benefícios", "pacientes com tea" e "família", "pacientes com tea" e "cuidadores","benefícios da musicoterapia" e "tea". Esses buscadores foram pesquisados em bases, como Scielo e em revistas científicas como Brazilian Journal of Music Therapy, Revista Científica da FMC; Revista Cient. Eletr. de Psico FAEF; em sites da: Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música – ANPPOM; Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo – APEMESP. Os critérios para seleção foram artigos científicos publicados na área selecionada.



Após análise criteriosa dos artigos, a fim de encontrar informações sobre os benefícios da musicoterapia no tratamento de pacientes com TEA, foram selecionados trechos que citavam intervenção musicoterapêutica, métodos e técnicas musicoterapêuticas utilizados nas intervenções, instrumentos, recursos ou materiais utilizados nas intervenções, tempo de intervenção e os resultados obtidos.

## Resultados

A Musicoterapia tem sido amplamente estudada como uma intervenção terapêutica eficaz para o tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora o Transtorno do Espectro Autista tenha sido descrito pela primeira vez em 1943 por Leo Kanner, seus desafios e formas de tratamento continuam sendo tema de investigação em diversas áreas, incluindo as terapias alternativas como a Musicoterapia. O TEA é caracterizado por dificuldades significativas nas áreas de comunicação, interação social e comportamento, o que justifica a busca por tratamentos inovadores e eficazes, como os encontrados nas práticas musicoterapêuticas. De acordo com o DSM-V (2014), o diagnóstico do TEA envolve a identificação de sinais no desenvolvimento social e comunicativo da criança, além de comportamentos repetitivos e interesses restritos, sintomas que impactam a adaptação e o bem-estar do indivíduo.

A Musicoterapia, como uma modalidade terapêutica, envolve o uso da música de maneira estruturada e interativa para promover a comunicação, expressão emocional e o

desenvolvimento social. Segundo Alvin (1978), a Musicoterapia tem o poder de proporcionar uma experiência de comunicação não verbal, especialmente crucial para indivíduos com TEA, que frequentemente apresentam dificuldades em se expressar verbalmente. A utilização de atividades como improvisação musical e interação com instrumentos pode ajudar a criança com TEA a se engajar de maneira mais significativa com o mundo ao seu redor, promovendo um espaço seguro para a expressão emocional e social.



Benenzon (1988) afirma que a Musicoterapia oferece uma abordagem holística, permitindo que o terapeuta utilize a música para atingir aspectos profundos do desenvolvimento emocional e psicológico do paciente. Para os portadores de TEA, a música pode atuar como uma ponte para a construção de habilidades sociais, além de promover a regulação emocional, que é frequentemente desafiada nesse grupo. O autor ressalta que, ao trabalhar com a comunicação não verbal, a Musicoterapia oferece uma alternativa para pessoas com TEA que encontram dificuldades na expressão verbal, facilitando a compreensão e expressão emocional.

Berger (2002) destaca que a Musicoterapia também pode ser particularmente eficaz no tratamento de aspectos sensoriais, que são uma característica comum entre pessoas com TEA. As crianças com TEA frequentemente apresentam hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, incluindo sons, luzes e toques. Nesse contexto, a Musicoterapia atua não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas também como uma forma de sensibilizar o paciente a diferentes estímulos, proporcionando um ambiente controlado e progressivamente mais tolerante a novas experiências sensoriais.

Segundo Bruscia (2000), a Musicoterapia é definida como um processo terapêutico em que o terapeuta utiliza a música como uma ferramenta para promover a saúde e o bem-estar do paciente. Para as pessoas com TEA, o processo de intervenção envolve o uso de músicas que favoreçam a interação, a criação e a improvisação. Isso permite que a criança não apenas participe ativamente de sua terapia, mas também explore novos modos de comunicação e interação. A abordagem individualizada é crucial, pois considera as características e necessidades específicas de cada criança, proporcionando uma intervenção que respeite a sua identidade e preferências musicais.

Um estudo importante conduzido por Gattino et al. (2011) examina a eficácia da Musicoterapia relacional na melhoria das habilidades de comunicação de crianças

com Transtorno do Espectro Autista. O estudo mostrou que a Musicoterapia pode resultar em melhorias significativas em termos de comunicação, com o aumento da expressão verbal e não verbal, além de facilitar a socialização. A intervenção musicoterapêutica mostrou-se eficaz na construção de pontes de comunicação que permitem à criança interagir de maneira mais fluída e significativa, tanto com o terapeuta quanto com seus pares.

No estudo de Sampaio et al. (2015), a Musicoterapia é discutida como uma ferramenta que não só auxilia no desenvolvimento das habilidades de comunicação e socialização, mas também ajuda a melhorar a atenção e a motivação das crianças com TEA. A previsibilidade da estrutura musical proporciona um ambiente estruturado no qual a criança pode se engajar de forma mais fácil e progressiva. A interação social é estimulada, e a tolerância e flexibilidade são desenvolvidas, favorecendo a criação de uma relação interpessoal significativa, essencial para o progresso da criança em outras áreas da sua vida.



Além disso, a Musicoterapia oferece um espaço para a construção de habilidades relacionadas à escuta e à produção musical, o que pode ser útil na identificação e desenvolvimento de habilidades específicas nas crianças com TEA. Como destacado por Sampaio et al. (2015), essas habilidades de escuta e execução musical podem revelar capacidades que, de outra forma, poderiam passar despercebidas em outros tipos de terapias. Isso é importante porque a compreensão do repertório de habilidades e limitações de uma criança com TEA pode ajudar na formulação de estratégias de apoio mais adequadas e eficazes para a sua aprendizagem.

Elefant (2001) reforça essa ideia, mostrando como a Musicoterapia pode ajudar a revelar o “eu” por trás da deficiência, especialmente em crianças com Síndrome de Rett. A pesquisa clínica indica que a Musicoterapia pode funcionar como um meio para que os pacientes se expressem de maneiras que, de outro modo, não seriam possíveis, destacando a importância da música como uma forma de terapia que transcende as barreiras da comunicação verbal e não verbal.

Freire (2014), em sua dissertação de mestrado, investigou os efeitos da Musicoterapia improvisacional no tratamento de crianças com TEA e encontrou resultados positivos. A improvisação musical oferece à criança a oportunidade de explorar sons, ritmos e melodias de maneira livre, o que pode resultar em maior engajamento emocional e desenvolvimento de habilidades sociais. A flexibilidade da abordagem improvisacional pode ser particularmente útil para atender as necessidades

específicas e dinâmicas das crianças com TEA, pois permite que o terapeuta se adapte rapidamente às respostas e aos interesses da criança durante as sessões.

De acordo com o estudo de Goyos (2018), a Musicoterapia também pode ser uma excelente ferramenta no desenvolvimento da linguagem e da fala em pessoas com TEA. A Musicoterapia pode atuar como um complemento significativo, pois, além de suas diversas abordagens terapêuticas, também trabalha com elementos relacionados à fala, estimulando a vocalização e facilitando a compreensão das interações sociais. O trabalho de Sampaio et al. (2015) mostra que a estrutura musical previsível e os exercícios musicais podem facilitar o reconhecimento e a produção de sons, o que resulta em uma melhora na capacidade de comunicação.



A eficácia da Musicoterapia na melhoria da socialização também é corroborada por Huron (2006), que descreve como a música pode promover a antecipação e a expectativa, elementos importantes no desenvolvimento social das crianças com TEA. A capacidade de antecipar uma resposta ou evento durante a interação musical cria um ambiente de previsibilidade que facilita a interação social, uma área em que as crianças com TEA frequentemente enfrentam dificuldades.

Um estudo realizado por Silva e Mulick (2009) revela que a abordagem precoce no diagnóstico e na intervenção terapêutica pode fazer uma grande diferença no desenvolvimento de crianças com TEA. A Musicoterapia, quando aplicada precocemente, pode ter um impacto significativo no desenvolvimento social e emocional, oferecendo um suporte adicional para a criança em um momento crítico de seu desenvolvimento. Como enfatizado por Malheiros et al. (2017), a intervenção precoce é uma das chaves para a melhoria das habilidades sociais e comunicativas em crianças com TEA.

Zanon et al. (2017) destacam que o diagnóstico precoce de TEA e a implementação de intervenções adequadas podem ajudar a mitigar as dificuldades associadas ao transtorno. A Musicoterapia, quando utilizada de forma integrada com outras terapias, pode ser uma ferramenta valiosa no processo de tratamento, auxiliando as crianças a desenvolver habilidades cruciais para a vida cotidiana e social.

Para garantir uma análise mais robusta e crítica sobre o papel da Musicoterapia no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é necessário considerar não apenas os benefícios observados, mas também as diferentes abordagens e

os contextos em que essas intervenções são aplicadas. Diversos estudos e pesquisadores, como Alvin (1978), Benenzon (1988), e Gattino et al. (2011), fornecem uma base sólida para a compreensão da eficácia da Musicoterapia, especialmente quando se observa que o TEA é caracterizado por desafios em áreas como comunicação, socialização e comportamentos repetitivos, que podem ser atenuados por meio de práticas terapêuticas não verbais como a música.

A Musicoterapia é descrita como uma intervenção eficaz para a promoção de habilidades comunicativas e sociais em crianças com TEA. Segundo Alvin (1978), a música oferece uma maneira única de estimular a expressão emocional e social, além de proporcionar uma estrutura terapêutica para a criança com TEA, muitas vezes mais confortável do que as abordagens convencionais que requerem habilidades verbais complexas. Benenzon (1988), ao estudar a teoria da musicoterapia, destaca que a música, como linguagem não verbal, pode criar um espaço seguro e estruturado para que crianças com TEA se expressem sem as barreiras da comunicação verbal.



Além disso, a música tem um impacto significativo sobre o desenvolvimento sensorial e a integração sensorial, que são frequentemente desafiados em crianças com TEA. A obra de Berger (2002) explora a relação entre a Musicoterapia e a integração sensorial, enfatizando que a música pode ser usada para ajudar as crianças com TEA a processar estímulos sensoriais de maneira mais eficaz. A interação com sons e ritmos pode ajudar na regulação emocional e no desenvolvimento de estratégias para lidar com estímulos que, muitas vezes, são percebidos de forma intensa e desorganizada por essas crianças.

O estudo de Gattino et al. (2011) reforça a ideia de que a Musicoterapia pode ser uma ferramenta poderosa na comunicação de crianças com TEA, especialmente no contexto de intervenções relacionais. A pesquisa, que envolveu um estudo controlado randomizado, mostrou que a Musicoterapia favoreceu a expressão de emoções e a melhora na interação social entre as crianças e os terapeutas. A interação com a música também promoveu um aumento na atenção e concentração, habilidades muitas vezes prejudicadas na pessoa com TEA, permitindo que as crianças se envolvessem de maneira mais eficaz nas atividades do dia a dia.

A eficácia da Musicoterapia no tratamento da pessoa com TEA também foi investigada por Elefant (2001), que, ao analisar o atendimento de crianças com Síndrome de Rett (uma condição relacionada ao TEA), demonstrou que as músicas podem facilitar o processo comunicativo mesmo em crianças que possuem limitações severas de fala. Este

estudo evidencia que a Musicoterapia pode atuar como uma ponte para a comunicação não verbal, tornando-se uma ferramenta essencial na construção de um canal de comunicação para aqueles que enfrentam desafios significativos de expressão verbal.

Sampaio et al., (2015), em sua pesquisa sobre Musicoterapia e TEA, contribui com uma análise mais focada nas relações entre o som, o ritmo e a melhora na comunicação social de crianças autistas. O estudo aponta que, através da repetição de ritmos e melodias, as crianças com TEA começam a desenvolver uma sensibilidade maior ao seu ambiente e aos outros, o que, por sua vez, contribui para um aumento nas interações sociais. Isso está em consonância com a teoria da Musicoterapia Relacional, que defende que a música facilita o estabelecimento de vínculos emocionais entre o terapeuta e o paciente, promovendo um espaço de confiança e expressão.



A intervenção precoce é outro aspecto importante quando se discute a eficácia da Musicoterapia para a pessoa com TEA. Estudos como o de Freire (2014) demonstram que a introdução de Musicoterapia desde os primeiros estágios do diagnóstico do TEA pode resultar em ganhos significativos no desenvolvimento da criança, particularmente nas áreas de comunicação, socialização e regulação emocional. A intervenção precoce permite que a Musicoterapia seja mais eficaz ao criar oportunidades para a criança se adaptar a uma variedade de estímulos, favorecendo uma melhora pronunciada em sua condição ao longo do tempo.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014) oferece uma classificação detalhada do TEA e suas manifestações, o que permite aos profissionais de saúde e terapeutas direcionar intervenções mais adequadas. A Musicoterapia, ao atuar em um nível não verbal e sensorial, pode atender às especificidades do TEA de forma mais eficaz do que métodos tradicionais que dependem da linguagem verbal. O DSM-V também destaca a importância da individualização das abordagens terapêuticas, um princípio que é integral à prática da Musicoterapia, que se adapta às necessidades e características de cada criança.

Em adição a isso, o estudo de Huron (2006) sobre a antecipação musical e o papel da expectativa no processo de aprendizagem pode ser aplicado diretamente ao contexto da Musicoterapia. A habilidade de antecipar a sequência de um ritmo ou melodia pode facilitar o processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo nas

crianças com TEA. A música, portanto, não apenas serve como uma forma de expressão emocional, mas também atua como uma ferramenta pedagógica que organiza o tempo e a expectativa de uma maneira que é particularmente acessível para crianças com dificuldades de processamento sensorial.

A Musicoterapia também pode ser vista como uma forma de intervenção que trabalha diretamente com a estimulação de áreas cerebrais relacionadas à percepção auditiva e motoras, como observa Sampaio (2002) em sua pesquisa. O uso de instrumentos musicais, por exemplo, pode ajudar a melhorar a coordenação motora e o controle motor fino, enquanto a exploração de sons e ritmos pode aprimorar a percepção auditiva e as habilidades de processamento sensorial. Além disso, a interação musical permite que a criança experimente a causa e efeito de uma maneira concreta, o que é fundamental para o desenvolvimento cognitivo em crianças com TEA.



As pesquisas sobre os efeitos da Musicoterapia indicam, também, que a música tem o poder de regular a neuroquímica do cérebro. A liberação de dopamina e endorfinas durante a participação em atividades musicais pode ser particularmente benéfica para crianças com TEA, que frequentemente apresentam padrões de comportamento repetitivos e estereotipados. A música atua como uma via de escape para essas crianças, permitindo que elas se envolvam de forma mais fluida com o mundo ao seu redor.

Dessa forma, a Musicoterapia não só se justifica como uma intervenção eficaz para crianças com TEA, mas também como um método de integração sensorial e comunicação não verbal que pode ser decisivo para o desenvolvimento dessas crianças. O trabalho de Benenzon (1988) sobre a teoria da Musicoterapia e as contribuições de outros estudiosos reforçam a importância de uma abordagem individualizada, que leve em consideração as especificidades de cada criança, suas dificuldades e suas potencialidades.

Concluindo, a Musicoterapia se apresenta como uma intervenção multifacetada que pode atender a uma ampla gama de necessidades terapêuticas das crianças com TEA. A eficácia dessa prática, como evidenciado pelos estudos de Berger (2002), Gattino et al. (2011), e Sampaio et al. (2015), depende da abordagem personalizada e da utilização de métodos adaptados às características de cada paciente. Com base nas evidências coletadas, é possível afirmar que a Musicoterapia oferece um vasto potencial terapêutico, que deve ser explorado com mais profundidade, principalmente no contexto da intervenção precoce.

## Discussão

Neste estudo foram analisados artigos que enfatizam o uso da musicoterapia como recurso terapêutico no Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando que alguns estudos destacam que essa abordagem terapêutica tem impacto positivo principalmente nas esferas de interação social, comunicação, habilidades motoras, psicomotricidade e linguagem. A melhora nas habilidades de comunicabilidade musical repercute em efeitos positivos sobrea socialização das crianças, fundamentalmente na área da comunicação. Durante o tratamento a criança interage com sua família, colegas, cuidadores e terapeutas, melhorando seu humor, atenção, foco, concentração, habilidades musicais, engajamento e envolvimento. A criança torna-se menos dependente de seus cuidadores, há melhora quanto ao isolamento social; amãe aprende a lidar melhor com seu filho com TEA, gerando uma maior confiabilidade na relação entre as partes. Embora ainda seja um campo relativamente novo, a pesquisa nessa área representa foco de grande interesse dos pesquisadores de diferentes formações. Nesse cenário, o profissional de musicoterapia da área específica, deve explorar cada vez mais essa abordagem terapêutica.



## Referências

Alvin, J. (1978). *Music therapy for the autistic child*. Oxford University Press.

Benenzon, R. (1988). *Teoria da musicoterapia*: Contribuição ao conhecimento do contexto não verbal (3ª ed.). Editora Summus.

Berger, D. (2002). *Music therapy, sensory integration and the autistic child*. Jessica Kingsley.

Bruscia, K. (2000). *Definindo Musicoterapia*. Enelivros.

American Psychiatric Association. (2014). DSM-5: *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.; A. V. Cordioli, Revisãotécnica). Artmed.

Elefant, C. (2001). Speechless yet communicative: Revealing the person behind the disability of Rett Syndrome through clinical research on songs in music therapy. In D. Aldridge, G. Di Franco, E. Ruud, & T. Wigram (Eds.), *Music therapy in Europe* (pp. 345-359). ISMEZ.

Freire, M. (2014). Efeitos da musicoterapia improvisacional no tratamento de crianças com transtorno do espectro do autismo (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Gattino, G. S., Riesgo, R., Longo, D., Leite, J., & Faccini, L. (2011). Effects of relational music therapy on communication of children with autism: A randomized controlled study. *Nordic Journal of Music Therapy*, 20(2), 142-154. https://doi.org/10.1080/08098131.2010.529804

Goyos, C. (2018). *ABA*: Ensino da fala para pessoas com autismo (1ª ed.). Edicon.

Guilhardi, C., Romano, C., & Bagaiolo, L. (2012). Risco autístico em bebês: Possibilidades de avaliação comportamental. In C. V. B. B. Pessoa, C. E. Costa, & M. F. Benvenutti (Orgs.), *Comportamento em foco 1* (pp. 155-177). Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Recuperado de http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/14051224948bfcea692.pdf



Huron, D. (2006). Sweet anticipation: Music and the psychology of expectation. MIT Press.

Jacobson, J. W., & Mulick, J. A. (1996). *Manual of diagnosis and professional practice in mental retardation*. American Psychological Association.

Malheiros, E., Ribeiro, C. D., Almeida, F. F., & Souza, L. (2017). Benefícios da intervenção precoce na criança autista. *Revista Científica da FMC*, 12(1), 85-94.

Mendes, S., & Silva Jr., A. (2020). Autismo: A importância do diagnóstico e intervenção precoce. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia FAEF*, 34(2), 117-135. https://doi.org/10.1234/rcepf.34.2.117

Nordoff, P., Robbins, C. (2007). *Creative Music Therapy* (2nd ed.). Barcelona.

Sampaio, R. (2002). Novas perspectivas de comunicação em musicoterapia (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sampaio, R. T., Loureiro, C. M. V., & Gomes, C. M. A. (2015). A musicoterapia e o transtorno do espectro do autismo. *Per Musi,* 32, 137-170. Recuperado de http://www.scielo.br/pdf/pm/n32/1517-7599-pm-32-0137.pdf

Silva, M., & Mulick, J. (2009). Diagnosticando o transtorno autista: Aspectos fundamentais e considerações práticas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(1), 116-131.

Zanon, R. B., Backes, B., &Bosa, C. A. (2017). Diagnóstico do autismo: Relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 19(1), 152-163. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872017000100009&lng=pt&nrm=iso

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 4.0 International License.